



TEXTOS RECENTES

- Para rodson, com amor
- A rústica tensão do jogo
- Joana
- Para que as crianças saibam
- Nordestes podem remontar a olhos de crianças
- Mostra Foco #1 : Mirar horizontes, tropeçar em desabamentos de terra
- Refúgio ao revés
- Às que veem sem mapas
- Da arte do constrangimento ou O cosmopolitismo venceu
- Mank: o bêbado, o gênio e a cobra de duas cabeças

AUTORES

- Andrea Ormond
- Arthur Tuoto
- Calac Nogueira
- Colaborações especiais
- Fabian Cantieri
- Fábio Andrade
- Felipe André Silva
- Felipe Leal
- Filipe Furtado
- Francisco Miguez
- Gabriel Moraes
- Hannah Serrat
- Hermano Callou
- Ingá
- Júlia Noá
- Juliano Gomes
- Luiz Soares Júnior
- Marcelo Miranda
- Maria Trika
- Mariana de Lima
- Mia Aragão
- Noá Bonoba
- Pablo Gonçalo
- Paulo Santos Lima
- Pedro Henrique Ferreira
- Podcast
- Raul Arthuso
- Rodrigo de Abreu Pinto
- Thiago Brito
- Victor Guimarães

ÍNDICE

- janeiro 2021
- dezembro 2020
- novembro 2020
- outubro 2020
- setembro 2020
- agosto 2020
- julho 2020
- junho 2020
- maio 2020
- abril 2020
- março 2020
- fevereiro 2020
- janeiro 2020

- dezembro 2019
- novembro 2019
- outubro 2019
- setembro 2019
- agosto 2019
- julho 2019
- junho 2019
- maio 2019
- abril 2019
- março 2019
- fevereiro 2019
- janeiro 2019
- dezembro 2018
- novembro 2018
- outubro 2018
- setembro 2018
- agosto 2018
- julho 2018
- junho 2018
- maio 2018
- abril 2018
- março 2018
- fevereiro 2018
- janeiro 2018
- dezembro 2017
- novembro 2017
- outubro 2017
- setembro 2017
- agosto 2017
- julho 2017
- junho 2017
- maio 2017
- abril 2017
- março 2017
- fevereiro 2017
- janeiro 2017
- dezembro 2016
- novembro 2016
- outubro 2016
- setembro 2016

ARQUIVO

- . Cinética (in English)
- . Cinética 2013-2016
- . Cinética 2006-2013

CINÉTICA

- CONTATO
- REDAÇÃO
- SOBRE A REVISTA



24ª Mostra de Cinema de Tiradentes
A Mesma Parte de um Homem (2021), dir. Ana Johann
por Júlia Noá

A rústica tensão do jogo

🕒 29 de janeiro de 2021 👤 cinetica ✍️ 2021, 24ª Mostra de Tiradentes, Ana Johann, Mostra Aurora 2021 🗣️ Júlia Noá

A Mesma Parte de Um Homem (2021), terceiro longa-metragem de Ana Johann, é um filme que aposta na pujança dramática que cada cena é capaz de oferecer. Como se estivéssemos assistindo a micropeças, as cenas são costuradas pelos arroubos e pelas tensões que atravessam as relações entre os personagens que transitam entre o espaço recluso da casa e da amplidão da serra. A *mise-en-scène* lateja entre a constrição, as breves amenidades e os rompantes de raiva e, conjugada a um enredo que escala nos diálogos, faz do mistério e dos conflitos ponto de partida para sua edificação.

O ambiente do interior paranaense, onde se passa o filme, é palco de duas mulheres (mãe e filha) que se ajeitam entre o medo e a liberdade frente a um universo inexplorado. A casa, portanto, é o espaço cênico central, onde a mãe, Renata (Clarisse Kiste), se encastela e do qual a filha Luana (Lais Cristina) deseja se desvencilhar.

Entre Renata e Luana paira não apenas o abismo entre as maneiras pelas quais ambas se relacionam com o ambiente doméstico, mas também a existência de dois homens que bifurcam a narrativa: o pai Miguel (Otávio Linhares) e Lui (Irândhir

Santos), o homem sem memória. O início do longa é marcado pela masculinidade do pai de família, Miguel, e por sua morte trágica em um acidente de carro. A cena inaugural de pai e filha caçando, que sugere um possível abuso do pai, assim como a brutalidade de Miguel que ordena sua mulher a fritar mais um “ovinho” quanto ela ainda está comendo, fornece material para que compreendamos que se trata de uma redoma familiar organizada pela misoginia e pela autoridade da figura masculina. Ao passo que a esposa se recolhe ao lar, Luana, figura *tomboy*, desbrava o mundo roceiro. A *mise-en-scène*, ainda muito rígida, se dá na imobilidade em torno da cozinha e da mesa de jantar. Com exceção dos momentos em que Luana foge em rompante, a primeira parte do filme se restringe à organização constricta das cenas, sempre tensas.

A morte do pai de família abre, ainda no início do filme, para o agravamento das posturas dessas duas personagens femininas. O medo, para Renata, antes presente tanto na figura do pai quanto no mundo lá fora (do qual o pai supostamente as protegeria), se aprofunda e se pulveriza a partir do acidente do cônjuge. Em Luana também é incutida a vontade ainda maior de se desgarrar daquele espaço. No íterim do antagonismo de posturas, surge Lui, como se para revolver o solo fértil que seria cinematograficamente a relação conflituosa entre mãe e filha.

Lui aparece no crepúsculo, machucado, na porta da casa de Renata logo após a morte do marido. Como se tivesse sobrevivido ao acidente ao qual o pai sucumbiu, Lui é ajudado, a contragosto de Renata, pela filha e por ela própria. Lui não tem memórias do que aconteceu, e, em estado de amnésia, é absorvido por aquele núcleo familiar. Renata e Luana passam, então, a inscrever Lui na figura paterna: como um oposto-complementar do pai morto, o substituto opera em função da história e do passado que as duas mulheres conferem a ele. A pretensa introjeção do mistério por parte das três figuras naturaliza o absurdo da situação. Lui a todo momento se pergunta de onde vem, como é sua relação com seu pai, onde fica a cidade, e Renata e Luana se dispõem a reconstruir esse homem. O importante é a agência dessas mulheres sobre um homem-tábula-rasa, que passa a agir como pai e marido de completas estranhas. O jogo da dominação inversa entre mulher-homem, filha-pai, esposa-marido é o que gerencia as escolhas poéticas de *A Mesma Parte de Um Homem*.

Lui tem sotaque diferente, é bonito, letrado. Morou na Alemanha e sabe a pronúncia correta da palavra “Spätzel”. O *doppelgänger* do marido morto passa, então, a ser o objeto que permite a transformação de Renata. Não apenas no que tange à descoberta do prazer e da prosa, mas também como corpo estranho que evidencia, na sua distância com aquele universo, a proximidade entre mãe e filha. O constrangimento proveniente do deslocamento de Lui, que escolhe, também, a fabulação coletiva acerca de sua existência, é a chave para a autocompreensão de

Renata. O truque proposto pelo filme é esperto e alicia o espectador para dentro da trama meio misteriosa, meio farsesca.

Apesar da incorporação completa de Lui na personagem que se cria dele mesmo, o estranhamento constante entre as personagens incute, ao filme, uma névoa tensa, como se o dispositivo estivesse sempre prestes a ruir. Como se digerisse a fragilidade e o medo que rondam aquelas personagens, as encenações estão sempre a um passo da desestabilização: os diálogos parecem desconjuntados nos tempos entre perguntas e respostas. A natureza do que se questiona parece não ser decifrada pelo destinatário, e se há um primor pela dinâmica das relações na amarra do enredo, a atmosfera melancólica está no descompasso da comunicação.

A Mesma Parte de Um Homem soa como um filme de disfarces. Os arranjos farsescos compactuados entre as personagens ressoam nas paredes que edificam e constringem as cenas. Perturbando a aparente performance naturalista, o estranhamento desse universo para com seus habitantes e dos personagens entre si permite o aparecimento de lapsos de entendimento, de discordâncias silenciosas. Os anteparos erguidos pela *mise-en-scène* são similares àqueles que se ajustam à história forjada de um homem em estado de amnésia, que não apenas é moldado como, também, se auto- inflige essa persona outra.

Ao invés de provocar um rompimento formal a partir de uma estética antinaturalista ou de dramaturgias fora do tom, o filme de Ana Johann é esquisito nos vãos-livres. Nas lacunas de uma memória, naquilo que não se responde e no desconcerto mútuo, *A Mesma Parte de Um Homem* encontra sua suspensão.

Renata, ao fim do filme, se dirige a Lui e o convoca para ir ao médico. Como se suprimisse toda a encenação da família pós-luto do pai que incorpora um novo integrante, Renata une o momento, ao início do filme, em que Lui está machucado, ao fim do filme. Havendo retirado desse homem o que necessitava e compreendendo que o homem sem memória começa a estabelecer-se na função de organizador-dominador, suspende-se a encenação. Levantaram-se as cortinas, sem aplausos. Mãe, filha, cachorro e sapo vão à cidade deixar Lui na porta do hospital, e seguem viagem na caminhonete azul, serra sulista adentro. O destino não importa, desde que não mais se encene, desde que as regras do mundo sejam comportadas nessa nova relação que acontece entre as duas mulheres. O jogo precisava ser jogado, e elas definitivamente ganham.

Leia também:

- [Cobertura da 24ª Mostra de Tiradentes](#)
- [Um Filme para Dirceu, de Ana Johann, por Fábio Andrade](#)
- [Western, de Valeska Grisebach, por Hannah Serrat](#)

- Morro do Céu, de Gustavo Spolidoro, por Fábio Andrade
- O pequeno grande cinema da Romênia, por Cléber Eduardo
- Minha Felicidade, de Sergei Losnitza, por Eduardo Valente

 [Facebook](#)

 [Twitter](#)

 [Google+](#)

[E-mail](#)

Para rodson, com amor

Joana

Todos os direitos reservados. ISSN 1983-0343

Quidus © 2015-2016. All rights reserved. Theme by [qerrapress](#) . Powered by [WordPress](#).